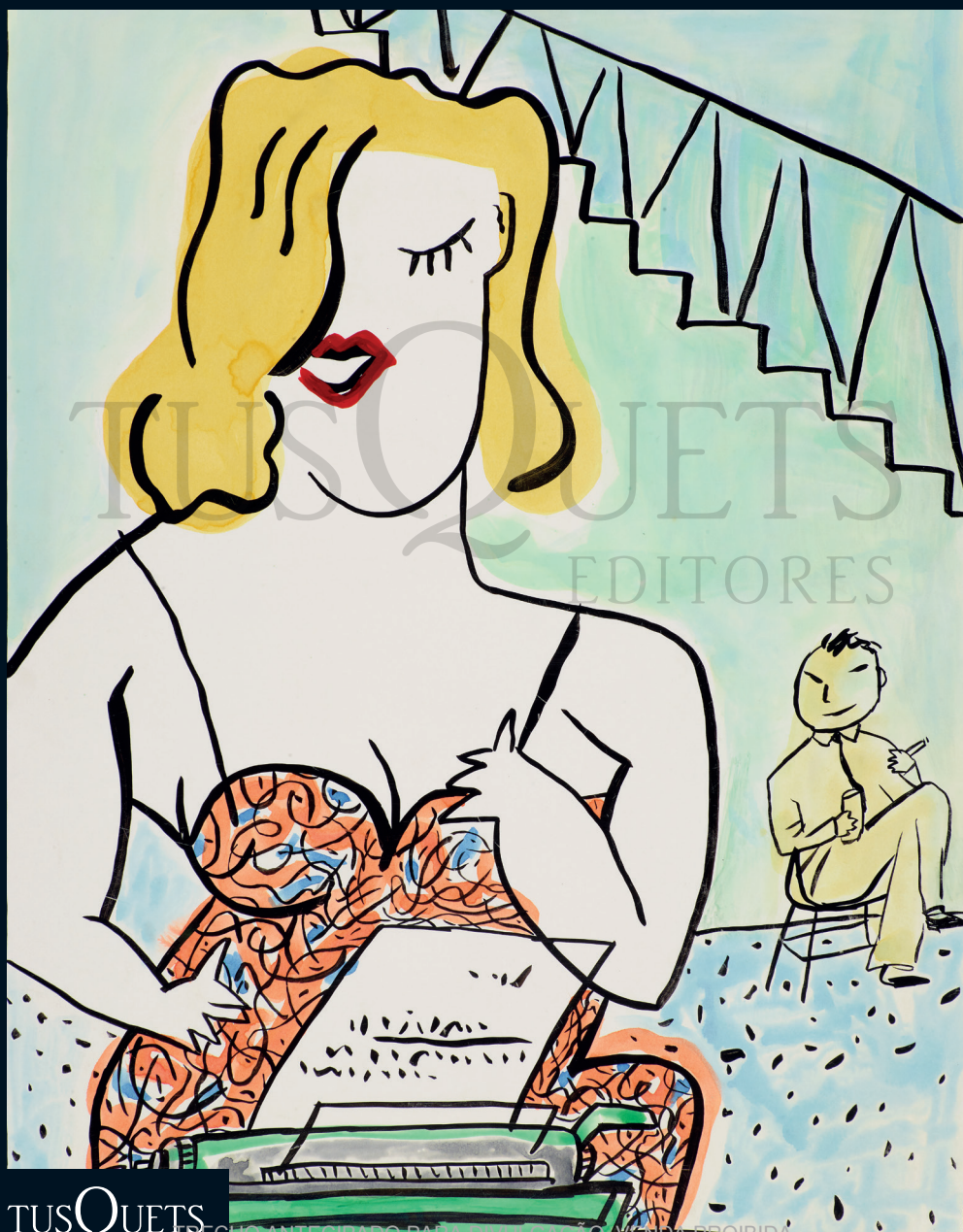


PEDRO ALMODÓVAR  
PATTY DIPHUSA E  
FOGO NAS ENTRANHAS



TUSQUETS  
EDITORES

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PEDRO ALMODÓVAR

PATTY DIPHUSA E

FOGO NAS ENTRANHAS

TUSQUETS  
EDITORES

*Tradução*

Eric Nepomuceno

TUSQUETS  
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Pedro Almodóvar, 2023  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023  
Copyright da tradução © Eric Nepomuceno, 2023  
Títulos originais: *Patty Diphusa; Fuego en las entrañas*  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Marina Caser  
*Revisão:* Diego Franco Gonçalves e Bonie Santos  
*Projeto gráfico e diagramação:* Jussara Fino  
*Capa:* Adaptada do projeto gráfico original de Compañía  
*Imagem de capa:* Javier Mariscal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almodóvar, Pedro  
Patty Diphusa e Fogo nas entranhas / Pedro Almodóvar; tradução de  
Eric Nepomuceno. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.  
160 p.  
ISBN 978-85-422-2183-1  
Título original: Patty Diphusa, Fuego en las entrañas  
1. Literatura espanhola 2. Literatura erótica espanhola I. Título II.  
Nepomuceno, Eric  
23-1599 CDD 863

Índice para catálogo sistemático:  
1. Literatura espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2023  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar  
Consolação - 01415-002 - São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

## 1. Eu, Patty Diphusa

O mais difícil para uma pessoa como EU, que tem tantas coisas a dizer, é começar. Eu me chamo PATTY DIPHUSA e pertencço a esse tipo de mulheres que protagonizam a época em que vivem. Minha profissão? Sex symbol internacional ou estrela internacional de pornô, como quiserem chamar. Minhas fotonovelas e alguns filmes de Super 8 mm venderam bem na África, em Portugal, em Tóquio, no Soho e aqui, em Madri, na região do Rastro. Minhas interpretações eróticas, segundo os críticos especializados, estão providas de algo inclassificável, algo que me faz única e que não costuma aparecer nesse tipo de subprodutos. Tem uma coisa muito bonita que me foi dita pelo Alfonso Sánchez: quando EU faço uma *fellatio*, o espectador só presta atenção na expressão dos meus olhos e da minha boca. É que EU, acima de tudo, faça o que fizer, sou uma atriz. Por que eu haveria de ocultar isso? E digo mais: não apenas tenho um corpo que enlouquece os homens, como também tenho cérebro. Mas isso eu só mostro de vez em quando. Não é de bom gosto com os cavalheiros demonstrar a eles que, atrás de um aspecto de boneca perfeita, tipo Barbie Superstar, se esconde um cérebro privilegiado. Embora, às vezes, valha a pena subir no salto da inteligência. Por exemplo: dia desses, numa festa, encontrei o diretor desta revista.

- Sou o diretor de *La Luna*, que é só uma revista a mais...
- Sua revista me encanta — disse a ele com bastante intensidade.
- Como é possível, se o primeiro número ainda nem saiu?
- Não importa. Quando gosto de alguma coisa, gosto de saída.

Falei com tamanha convicção que ele também precisou me adular um pouco.

— Admiro muito você, Patty. A sua última fotonovela, *Porcas gêmeas*, é uma delícia de faísca e mau gosto. Por que você não escreve para nós? O país mudou muito nos últimos dias. Ninguém vai estranhar que uma mulher X exponha seus pontos de vista numa publicação mensal.

Naturalmente, aceitei. Essa foi uma das propostas mais deliciosas que já recebi na vida. EU, como quase todas as mulheres na minha situação, embora nunca tenha escrito uma única linha, sempre me senti escritora. Outra particularidade é que, quando uma garota com as minhas características escreve, sempre saem coisas filosóficas, como a Lorelei, de Anita Loos. Pura e simples filosofia. Não importa que o tema seja EU MESMA. Apesar da minha pouca idade, EU conheci muita gente, mas quem conheço melhor que ninguém sou *EU MESMA*. Acho que é um traço de honestidade para com os leitores falar do que a gente conhece. O diretor dessa revista, afinal, foi direto: escreva sobre qualquer coisa da atualidade. E EU pensei: *A atualidade é a capacidade de atuar*. E EU tenho uma boa dose dessa capacidade. Sou a atualidade. Quero dizer que me convenci imediatamente de que o melhor e mais interessante era EU MESMA. E fiquei encantada por ter chegado a essa conclusão, porque considero esse um tema não só atual, como também bastante original, pois, até agora, a ninguém tinha ocorrido falar de MIM.

Mas também escreverei sobre o MUNDO, ou sobre a VIDA, como preferirem. Quer dizer, também contarei sobre as minhas amigas Mary Von Ética e Addy Posa. Elas são um tanto insignificantes, ou melhor,

são monstruosas, mas, como passam todas as noites na rua, por meio delas é possível ficar sabendo de muitas coisas.

A principal virtude de Von Ética é sua inutilidade: nunca fez nada, exceto se maquiar e sair por aí. Pinta as unhas de negro e faz quatro anos que não corta nenhuma delas. Tão comprida quanto os dedos, a longitude de suas unhas determinou a sua vida, quer dizer, paralisou-a. Não pode fazer nada com as mãos, a não ser fumar e olhar para os dedos enquanto ri. Não consegue nem telefonar. Von Ética não podia prever que, ao deixar crescerem as garras, sua existência se reduziria ao essencial, como se fosse realmente uma moça inteligente. Por uma razão ou por outra, nós, as outras garotas, estamos condenadas a trivialidades do tipo dedicar-nos à prostituição, ao terrorismo, ao sequestro de crianças ou a fazer ginástica; Von Ética, não podendo utilizar as mãos, só consegue fumar, beber e rir nas festas. A isso EU chamo de reduzir sua existência ao essencial. Além do mais, só come bolo, biscoitinhos em formato de espiral, rolinhos de chocolate e donuts. EU acho que, por causa das unhas, tem tão pouca sensibilidade que não gosta nem de mariscos.

Addy Posa também é chamada de Tass Informa, pela sua tendência à fofoca. Às vezes saio com ela porque, como é gorda demais, acaba sendo um bom motivo de pilhéria. Também trabalha em fotonovelas pornô. Faz sempre o papel da madame do bordel, ou da mãe de alguma garota. De si mesma, diz que é a Mae West espanhola, mas EU acho que só pode aspirar a Isabel de Garcés dos filmes de Marisol.

Quero que esta seção seja bastante edificante, por isso falarei de Tass e Mary, porque supõem dois modelos de mulher que não devem ser imitadas.

Ainda não disse que, quando o diretor de *La Luna* me propôs escrever aqui, estávamos em uma festa com Andy Warhol. Alguém ligou para Warhol em Nova York e perguntou se ele queria vir para umas

tantas festas em Madri, com direito a passagem e hotel pagos. Ele disse que sim, porque não sabe dizer “não” para uma festa, por mais absurda que seja – até porque prefere as desse tipo, por isso as daqui o encantavam. Christopher Makos, um fotógrafo que vinha com ele (sempre trazia algum fotógrafo, para o caso de se esquecer de fotografar alguma coisa), me disse que, além das festas, Warhol veio a Madri com a única intenção de me conhecer. Um dos meus trabalhos mais sujos, a foto-novela *O beijo negro*, tinha chegado às suas mãos, e ele havia surtado comigo. No aeroporto madrileno de Barajas, chegou a declarar aos jornalistas que o que mais tinha influenciado sua trajetória de cineasta e pintor era Patty Diphusa, ou seja, EU. Pelo visto, um tipo espanhol foi até a Factory, em Nova York, com um exemplar de *O beijo negro* e alguns dos meus filmes pornô em Super 8 mm, dizendo-lhe que tinha escrito e dirigido aquilo.

Não me interessa o roteiro, nem a direção; na verdade, me repugnam. Mas Patty Diphusa é um gênio. Se estivesse na América, teria seu próprio programa de televisão, acho que Warhol disse isso ao tal tipo.

Não sei, mas depois de receber tantos elogios do criador da pop art, talvez eu vá até os EUA fazer alguma coisa...

Ufa! É incrível como sou criativa, sem perceber já escrevi mais de duas páginas e ainda não disse NADA. Mas, bem, eu só queria me apresentar. Nos próximos números, terei ocasião de abrir meu coração para vocês, porque uma sex symbol internacional também tem coração.

## 2. A realidade imita o pornô

Minha crônica anterior terminava dizendo que uma sex symbol também tem coração, me referindo a mim mesma. Na ocasião, eu não sabia até que ponto isso era verdade porque, quando alguém escreve, muitas vezes saem coisas ligeiramente falsas, isso a que os críticos chamam de “criação”. A verdade é que, no momento, estou APAIXONADA. Isso mesmo que vocês estão lendo: APAIXONADA. Vou contar como foi. Eu acabava de chegar de Ibiza com minha amiga, a impossível e inoportuna Addy Posa, que continua tão gorda como estava antes de se viciar em heroína. Essa garota é incrível. É a única *junkie* que conheço que não perdeu nem um grama de seu peso. A verdade é que se ligou à seringa para não ficar de fora, ou, como ela diz, porque é uma mulher “sedenta de tudo que é tipo de experiência”, e se dá tão bem com as drogas pesadas, fica tão endoidecida, que é como se estivesse diante de um prato de dobradinha. Mas não quero dedicar muitas linhas a Addy porque sei que Addy não é comercial, E EU SOU.

Assim que chegamos, ficamos sabendo que havia uma exposição de pintura vanguardista argelina e que, depois, haveria uma festa num chalé do elegante bairro Puerta de Hierro. Eu mentiria se dissesse que a vanguarda argelina me interessa, mas era uma ocasião para mostrar



meu bronzado outonal, um bronzado natural, e não de lâmpada azulada. Chegamos tarde e bastante bêbadas. Na porta, nos encontramos com COSTUS, nos disseram que a nova pintura argelina era uma cópia direta de toda a jovem pintura madrilenha, especialmente a DELES DOIS. EU fiz um gesto de não acredito, mas o que mais nos interessava era o endereço da festa. Addy, como sempre, conseguiu se meter num automóvel, sem ter sido convidada, e me deixou jogada lá, encostada na porta da galeria.

Dois rapazes se aproximaram. “Levamos você até a festa?” Respondi que tudo bem, mas que, antes, me deixassem vomitar um pouco ali mesmo. Depois de vomitar, me senti muito mais tranquila. Com a calefação do automóvel, cochilei num instante. Eu estava tão mais pra lá do que pra cá que nem reparei neles. EU não sou como DEWI SUKARNO, que sempre chama atenção por sua SERENA BELEZA E ELEGÂNCIA, EU pertenço a outro tipo de mulher, aquele que simplesmente, e em qualquer estado, até mesmo depois de ter BOTADO OS BOFES PARA FORA, é capaz de enlouquecer os homens. Às vezes, EU não me lembro de que sou uma BOMBA e de que, com uma BOMBA COMO EU, certos homens se esquecem das boas maneiras, especialmente se tiverem acabado de sair da CADEIA, onde foram enfiados por ASSASSINATO, e de que, diante do simples cheiro de “BACALHAU”, perdem o pouco raciocínio que tinham. Quero dizer que quando entrei no carro, dormi, e que, quando acordei, não estava no luxuoso chalé de Puerta de Hierro, mas no parque Casa de Campo, jogada no chão, com a roupa transformada em trapos, como a de uma cantora punk, e um CACETE atacando meu CLITÓRIS dormente. Não dei um grito porque não sou tão reclamona, mas mentalmente fiz a mim mesma as típicas perguntas *onde estou?, o que é que estou fazendo aqui?* etc. A única resposta veio na forma de um bofetão e um cumprimento do tipo “Não banque a inocente, você vomitou só para nos provocar. Puta”. É sempre confortante ver dois homens “cegos de desejo” por você, mas reconheço que senti medo.

Enquanto um me FODIA, o outro beliscava meus PEITOS, como para se certificar de que eram autênticos. Apesar das circunstâncias, lancei mão de todo o meu charme e disse aos dois que faríamos tudo o que quisessem, que não se preocupassem. Mas minha boa educação fez com que perdessem ainda mais o juízo. Como não sou mórbida e, além disso, não era a primeira vez que me violavam, não pretendo contar tudo em detalhes.

Em resumo, um acabava de sair da cadeia e, se isso fosse pouco, me confundia com a própria mãe. O outro era tímido, além de homossexual, e tinha me visto em muitos clubes. O primeiro ficou fascinado pela minha maneira de fumar e, por isso, tinha se apaixonado por mim e havia me idealizado. Pelo que descobri depois, o segundo garoto era apaixonado pelo amigo, desde menino. Quando ele saiu da cadeia, prometeu um presente ao amigo. E esse presente era EU, aquilo de que ele mais gostava no mundo. Eu entendia os dois, mas prefiro que as coisas sejam feitas de maneira mais civilizada, me incomoda que a VIDA real seja como nas fotonovelas. Acaba sendo chato que a realidade imite o pornô, especialmente se EU sou a protagonista de tudo. Depois de me lançar todos os insultos que gostaria de lançar à própria mãe, o Assassino disse ao Outro que me fodesse e o Outro disse que preferia se masturbar olhando para nós dois, e então o Assassino disse que EU era seu presente e que não achava direito ser usado para punheta, que iria compartilhar. O Assassino disse que não entendia e o Outro explicou que meteria em mim ao mesmo tempo que o Assassino. “Não sei se haverá espaço para os dois”, EU insinuei. O Assassino tornou a me dar uma bofetada, para que eu calasse a boca, e então me dediquei a fazer um exercício de relaxamento: pensei que estava numa ilha deserta, tomando sol pelada, acalentada pelo murmúrio do mar e acariciada por todas as brisas do Caribe.

Que dois psicopatas me violem é até normal, mas daí a me deixarem jogada num parque como o Casa de Campo, de madrugada, com pinta de filme mexicano de vampiros, isso era insuportável. Disse a eles que o mínimo que poderiam fazer, já que tinham me violado, era me levar para casa, porque eu precisava de um banho e por ali não havia táxis. Eles disseram que não se atreviam a me encarar, que preferiam esquecer tudo aquilo e que eu também esquecesse. Nem em *PORCAS GÊMEAS*, uma de minhas mais famosas fotonovelas, fiquei com um aspecto tão repugnante. Aquilo me incomodou de verdade, entendi que há situações em que as mulheres não têm outro remédio a não ser virar feministas. Aquela era uma dessas situações. Não que eu temesse encontrar outros dois psicopatas, nem que tornariam a me violar naquela mesma noite. O que me inquietava era saber como poderia chegar em casa, todos conhecem os problemas no sistema de transporte de Madri.

Vi uma luz ao longe e, como sou rápida nos reflexos, me joguei na estrada para obrigar o carro a parar. Com a chegada de tantos extraterrestres, o pessoal evita dar carona em circunstâncias estranhas. Era um garoto. “O que aconteceu?”, perguntou. “Me deixa entrar que conto tudo”, respondi. É claro que contei, incluindo coisas que não tinham acontecido. Na minha história, já não eram simples assassinos, e sim um conjunto basco de heavy rock, todos altos, fortes, com belos olhos, barba, e um deles era irmão da Miss Espanha 1983, que, como todo mundo sabe, é basca. Claro que, além de roqueiros, eram também terroristas. Me saí tão bem quanto aquelas Sacerdotisas do Vício que aparecem no filme *SALÒ*, de PASOLINI. Fui tão explícita que eu mesma fiquei muitíssimo excitada, imaginando o que poderia ter sido aquela noite se tudo aquilo tivesse acontecido de verdade, porque EU, não sei se vocês já perceberam, sou uma mulher que não tem medo do PRAZER. Enquanto falava com ele, manipulei distraidamente a sua braguilha e comprovei que estava tão excitado quanto eu. Assim, já que estávamos no Casa de

Campo, paraíso do amor livre, nos pusemos a trepar ali mesmo. Ele me disse para tomar cuidado para não deixar marcas. Era um garoto muito sensível. Acabamos fazendo de tudo. No final, enquanto nos vestíamos, o Garoto me confessou que era a primeira vez que tinha chupado a xoxota de uma mulher, e aquilo me enterneceu. EU, que sou a mais moderna e a mais experiente, a quem as palavras, quando não chegam acompanhadas de algo mais, tipo uma bijuteria etc., quase nunca me emocionam, confesso que me emocionei. É que, apesar de ser uma estrela pornô, sou também terrivelmente sentimental.

Quando me deixou na porta de casa, eu disse a ele: “Você tem dois minutos para me decepcionar. Acho que estou me apaixonando por você”. “Sou casado e tenho filhos”, ele me disse. “Isso não me decepciona”, respondi. “E eu gostaria de me decepcionar para poder dormir tranquila esta noite, em vez de ficar sentindo falta do seu pau”. Tornei a beijá-lo. Ele voltou a dizer para eu não lhe deixar marcas. E eu continuei achando-o muito delicado. “Me passa o seu telefone, porque vai que um dia desses me bate uma síndrome e eu queira ver você. Fica com o meu. Desde que eu tinha nove anos os homens não pararam de me assediar. O que você está sentindo?” Eu lhe disse tudo isso num jato só. “As perguntas nunca são indiscretas, mas, às vezes, as respostas são”, ele me disse. “Está bem. Vou subir. Preciso de um banho.”

E nos despedimos. Enquanto tomava banho, me lembrei de todas as imagens daquela noite, como se tivesse tomado um ácido. De todas elas, uma se repetia com insistência: *A primeira xoxota que chupei foi a sua. A primeira xoxota que chupei foi a sua...* Não conseguia tirar aquilo da cabeça. O que ele pensaria de mim? Com certeza me achou uma mulher de vida ligeira, e se enganou, sou uma mulher de vida vertiginosa. Eu ligaria no dia seguinte só para dizer isso. Como vocês podem notar, fiquei caidinha por ele. Já não penso em dominar o mundo, nada disso. Só penso nele. Torno a repetir, estou caidinha.